

In memoriam

Maria Angélica Pedroni¹

Memória não tem corpo. Ela habita uma foto, se espalhada entre as tintas, percorre as risadas. Cada encontro, uma nova memória. Cada caixa aberta, uma memória se renova e outra se perde. Às vezes, temos um conto de terror, noutra, de fadas. Irmãos se foram, um tio que matou o outro, um sumiço, um apego, uma brincadeira. Os trabalhos que envolvem a série “In memoriam” se desdobram entre memórias pessoais e causos contados. Tornar presente uma memória é experimentá-la de várias formas e em diferentes momentos. O tempo é aquele que não passa, ele continua presente, continua a correr. As pessoas continuam a ir e vir, a tinta Violeta Vampiro continua a escurecer e embaçar a lembrança. Resistimos.

Foi dentro daquela caixa que compreendi a amplitude do que é uma memória. Tão pequena, que eu achava que poucas coisas caberiam, mas a vontade de lembrar, a vontade de pertencer, a expandiu. Era caixa, era folha, era vidro, era planta. Tudo se transbordou em potências e continua a transbordar em experimentações. Quanto mais retomo, vivencio mais uma memória, que ganha novos sentidos. Algumas são impossíveis de retomar, presas em uma memória inacessível da grande matriarca. Aqueles que eram esquecidos, passam a existir, passam a respirar o mesmo ar essencial das plantas. Alguns nomes já não conhecemos, mas eles são nós.

¹ Artista multimídia e graduanda em Artes Plásticas pela UFES.

















<http://periodicos.ufes.br/colartes/>